

CULTURA CLÁSSICA Factor de união ou de desunião?*

Cristina de Sousa Pimentel

É lugar-comum, e dos mais frequentes, ouvir dizer que os Romanos mantiveram a sua supremacia mercê de dois factores essenciais: a religião e o exército. Não duvidamos de que seja verdade. Cremos, no entanto, que essa hegemonia se deveu sobretudo ao facto de terem os Romanos sabido, a um tempo, respeitar as diferenças que os separavam dos povos que sucessivamente subjugavam ou anexavam, patenteando, sem os impor, os aspectos múltiplos em que lhes eram superiores e assimilando eles próprios o que encontravam de melhor nas civilizações de quem conquistavam. É assim que, enquanto abriam estradas e construíam pontes, reconheciam simultaneamente a ligeireza dos carros gauleses, experimentavam e adoptavam a comodidade das *bracae* ou degustavam a *ceruesia* do mesmo povo, percebiam a doçura de sedas e cetins que traziam do Oriente, maravilhavam-se ante a beleza e a raça dos cavalos da Lusitânia, aspiravam o aroma das rosas e das violetas da Magna Grécia, que depressa engalanaram as ruas da capital. Em todos os povos encontravam e reconheciam aspectos merecedores de admiração. Veja-se o exemplo dos Germanos, designação geral que englobava uma diversidade de povos, na sua quase totalidade ferozmente hostis a Roma. Tácito curva-se ante a bravura das suas mulheres, que

*O texto que aqui apresentamos retoma, no essencial, a intervenção que tivemos na mesa-redonda subordinada a este tema e que teve lugar na Expolíngua 92, realizada sob os auspícios da União Latina, em 23 de Outubro de 1992.

incitavam os homens durante os combates¹, do mesmo modo que as *matronae* romanas rapidamente se quedaram fascinadas pelos cabelos louros das cativas germanas. Por isso começaram a usar cabeleiras com eles feitas ou pintavam os escuros cabelos mediterrânicos com um *sapo* trazido da região, que lhes emprestava tons flavos e exóticos².

A pouco e pouco, os povos anexados compreendiam a importância da língua latina nos contactos com as tropas e com os colonos. Aprendiam Latim mas os Romanos, em troca, conheciam e faziam suas todas as palavras que designavam o que iam vendo e admirando, da *rosa* à *uiola* e ao *lilium* mediterrânicos, do *carrus* gaulês e do *cuniculus* hispânico aos inúmeros vocábulos gregos que traduziam tudo o que andava mais arredado do espírito romano.

Lentamente, os povos anexados compreendiam a importância da moeda única, que lhes facilitava os contactos comerciais e, ainda por cima, lhes trazia notícias sobre as mudanças políticas acontecidas em Roma ou sobre os grandes sucessos militares dos longínquos chefes³. Não era pela televisão que, na *Africa*, se conheciam os traços fisionómicos do novo *princeps*, não era pelos jornais que se sabia, por exemplo, que os Judeus ou os Germanos haviam sido estrondosamente derrotados. A moeda única mostrava a bonomia do rosto de Vespasiano⁴, a barba de

-
- 1 *Germania* 8: *Memoriae proditur quasdam acies inclinatas iam et labantes a feminis restitutas constantia precum et obiectu pectorum et monstrata comminus captiuitate...* V. ainda § 19, sobre o pudor feminino, para não referir todos os passos em que Tácito salienta os aspectos em que os Germanos são mais puros e rectos que os Romanos...
 - 2 Marcial XIV 26 (sob o título *Crines*): *Chattica Teutonicos accendit spuma capillos: captiuis poteris cultior esse comis.* XIV 27 (sob o nome de *Sapo*): *Si mutare paras longaeuos cana capillos, / accipe Mattiacas – quo tibi calua? – pilas.* V. ainda a referência à *spuma Bataua* com que em Roma se transformavam as *Latiae comae* em cabelos ruivos (Marcial VIII 33, 20: *... mutat Latias spuma Bataua comas*). O vocábulo *sapo* tem, de resto, origem germânica ou céltica (cf. A. ERNOUT – A. MEILLET, *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine, s.u.*). Para a composição desses *sapones* para uso capilar, consulte-se Plínio, *NH* XXVIII 191. Quanto às cabeleiras das mulheres germânicas, pensa-se que elas seriam enviadas para Roma sobretudo como símbolo da submissão desses povos a Roma (cf. H.L. LEVY, "Hair": *Classical World* 62 (1968) 135).
 - 3 V. M. P. CHARLESWORTH, "The virtues of a Roman Emperor. Propaganda and the creation of belief": *Proceedings of the British Academy* 23 (1937) 105-33, particularmente p. 109: "... upon these coins were placed words and symbols that could be understood by the simplest. This use of coinage, with its legends and pictures, gave emperors, and the city-mints that echoed Roman policy, a most potent instrument in the ancient world for fashioning opinion and influencing men's views".
 - 4 Consulte-se a monumental recolha *Coins of the Roman Empire in the British Museum* (BMC), editada por H. MATTINGLY (1923-1940) e *A Dictionary of Roman Coins* (de S.W. STEVENSON – C.R. SMITH – F.W. MADDEN), London,

Adriano que logo se tornou moda e se destinava tão-só a esconder inestéticas marcas congénitas⁵, do mesmo modo que representava o cortejo triunfal de Tito e Vespasiano, em 71, após a conquista e destruição de Jerusalém⁶, ou consagrava a *GERMANIA CAPTA* por um orgulhoso Domiciano⁷, ou anunciava até a redução de algumas taxas e impostos por mais justos *principes*, como Nerva⁸.

Por seu turno, os Romanos – evidentemente os mais bafejados pela sorte⁹ – mandavam os seus filhos a Corinto, a Atenas, a Rodes. Lá apuravam a arte de falar e dominavam em absoluto o privilégio de pensar. Nunca os Romanos tiveram a ousadia de considerar que pensavam melhor ou sabiam mais que os povos que anexavam.

Assim é que, e voltando ao que dizia a princípio, os Romanos souberam respeitar as diferenças e criar condições para a identidade entre todos os que dependiam do seu *imperium*. Só assim, com os inevitáveis atritos que aqui e além rebentavam, com pequenas cedências em trocas de grandes ganhos, conseguiram unir a vastidão de povos e raças e costumes e línguas que todos sabemos.

Um outro reparo. Quando, em 80, Tito inaugurou o Anfiteatro dos Flávios depois chamado Coliseu, com capacidade para 45 mil especta-

George Bell and sons, 1889 (reimpressão da ed. Georg Olms, 1969).

5 S.H.A., *Hadr.* 26.1.

6 V. as moedas com a legenda *IVDAEA CAPTA S.C.* e a descrição de STEVENSON (*et. al.*), *op. cit.*, s.u.: "On the well-known coin of Vespasian, in large *brass*, Judaea appears under the figure of a woman, clothed in a tunic, with short sleeves: she sits, in the attitude of extreme sorrow, at the foot of a palm, which tree is peculiarly the growth of Palestine: behind her stands the Emperor habited in military vestments, holding a spear in his right and the parazonium in his left hand; and with a buckler or a helmet under his left foot (...)". Outras legendas celebraram essa derrota da *Judaea* em 70, e.g. *IUDAEA DEVICTA*.

7 V. a descrição de um dos tipos de moedas, cunhadas sob Domiciano, com essa legenda, em STEVENSON (*et. alii*), s.u.: "A female figure, personifying Germania weeping, seated on a buckler, at the foot of a trophy composed of German arms. On the right stands a German captive, his hands bound behind him, his shield at his feet (...)".

8 e.g. as primeiras moedas por ele cunhadas, após o assassinio de Domiciano e a sua ascensão ao *imperium*, com a inscrição *FISCI IVDAICI CALVMNIA SVBLATA*. A moeda representava a restrição do pagamento do imposto de dois dracmas a que todos os Judeus haviam ficado obrigados após a conquista de Jerusalém e a subsequente diáspora do seu povo. Domiciano tinha imposto o rigoroso cumprimento dessa exacção fiscal, inclusive àqueles que haviam já abjurado da sua religião. Nerva, por reacção à medida de Domiciano, entretanto morto e condenada a sua memória, restringiu o alcance da taxa, aplicável, ao que parece, apenas àqueles que haviam nascido Judeus e se mantinham fiéis ao Judaísmo.

9 Isto é: os que podiam fazer prova, no *census* (sob este aspecto, o IRS da altura...), de possuírem a desejável fortuna que lhes permitia pertencer ao *jet set* romano...

dores, e nele deu Jogos variados que se prolongaram por cem dias e se realizavam de manhã, à tarde e à noite, fez exhibir na arena animais vindos dos quatro cantos do mundo, leopardos, bisontes, crocodilos, rinocerontes, tigres, elefantes, ursos, leões... mas, nas bancadas, havia espectadores vindos também de todo o mundo. Marcial, que assistiu maravilhado a esses Jogos¹⁰, deleita-se ante essa assistência variada, olhando os Sicambros e os Etíopes com os cabelos em estranhos penteados¹¹ ou os Sármatas habituados a beber o sangue dos próprios cavalos¹², entusiasma-se com os falares dissonantes da multidão mas compreende que todos reconhecem o *princeps* como *pater patriae*¹³, aquele que lhes dá a protecção de um pai e a quem votam o amor e o reconhecimento dos filhos (já saídos da adolescência...).

Não é uma parábola o que pretendo fazer. Nem uma alegoria. Porque é evidente que é aos Romanos que eu gostaria que, neste momento tão difícil em que nos vemos divididos entre o medo de perder a nossa identidade e de que nos anulem o que nos é próprio e característico – não interessa agora saber se positiva ou negativamente – e o receio do que vulgarmente se chama "perder o comboio do progresso" – resta averiguar que progresso e em que moldes – é aos Romanos, repito, que eu gostaria que fôssemos, uma vez mais, buscar exemplo.

A cultura clássica é, sim, factor de união e de desunião. Porque a cultura clássica nos ensina que é possível ser uno e ser diferente, viver em Corinto e ir a Roma ver os gladiadores ou uma naumaquia ou os *Ludi Saeculares*, viver em Lisboa e ir a Sevilha ver a Expo 92 ou a Londres contemplar, na Accademia Italiana, as últimas e recentíssimas descobertas arqueológicas de Pompeios. A cultura clássica diz-me que é possível uma Europa onde um estudante alemão vem para Portugal e um português vai para a Bélgica especializar-se. Como me garante – ainda que me custe – que *ecu* é já uma palavra do nosso idioma, por muito que queiramos ser como Catão (o Velho, claro) e nos recusemos a aceitar (este) Grego. É que o dito Catão, aos oitenta e muitos anos, pôs-se ele próprio a aprender a tão combatida língua...

10 De que fez "reportagem" completa, oportuna (e recompensada pelo poder vigente...) no *Liber Spectaculorum*.

11 *Spect.* 3, 9-10: *crinibus in nodum tortis uenere Sygambri, / atque aliter tortis crinibus Aethiopes*. V. o que Tácito diz (*Germania* 38) acerca da forma como os Suevos atavam o cabelo, em nó, no alto da cabeça, para parecerem mais altos e mais terríveis aos olhos dos inimigos.

12 *ibidem* 4: *uenit et epoto Sarmata pastus equo...*

13 *ibidem* 11-2: *uox diuersa sonat populorum, tum tamen una est, / cum uerus patriae diceris esse pater*.

Mas a cultura clássica ensina-me também que há que respeitar as diferenças de cada um e só uniformizar quando as vantagens que se pretendem irrefutáveis são compreendidas e assimiladas como tal por aqueles que integram esse processo de uniformização. No mundo romano nunca deixou de haver inscrições oficiais em Grego, Corinto raras vezes perdeu o privilégio de cunhar moeda, as escolas do mundo romano ensinavam Vergílio a par de Menandro, as almas atormentadas e insatisfeitas dos Romanos aderiam às religiões que lhes davam ao menos a serenidade de acreditar na vida além-túmulo, ainda que implicassem culto a divindades de nomes tão estranhos como Ísis, Serápis, Mitra, Cristo...

Nada se faz pela força. *Boudicca*, rainha dos Icenos, que hoje olha sobranceira, do seu carro, as Casas do Parlamento londrino, não quis os Romanos na sua terra¹⁴. Em 61, comandando os *Britanni*, matou, pilhou, diz-se que se entregava até ao canibalismo entre os soldados romanos moribundos ou já mortos no confronto com suas gentes¹⁵. Os Romanos recorreram então à força e à violência. Mas foram a sabedoria e a tática de Agrícola que, cerca de duas décadas mais tarde, garantiram o domínio da *Britannia*. Profeticamente, talvez, nunca essa conquista, iniciada pela força, conseguiu ser definitiva.

Um epigrama de Marcial acode-me ainda, amargamente, à memória. No fim do século I, os campos da *Italia* estavam exaustos ou abandonados. Os grandes latifundiários preferiam fazer das suas terras grandes zonas de cultura da vinha, vastos bosques que dessem madeira ou, ainda, ingentes pastos. Era mais rendoso, dispensava mão-de-obra. Os pequenos agricultores – os que não haviam migrado para a capital em busca de trabalho ou de vida mais fácil – cultivavam o que podiam: vinha, cereal. O vinho, porém, importava-se de outras paragens, além de já se produzir em excesso. O cereal, todavia, chegava regularmente a Roma em remessas, vindo sobretudo do Norte de África, em quantidade bastante para sustentar a plebe urbana. Assim, para o pobre agricultor que queria escoar a sua parca produção, nada restava excepto aceitar os baixíssimos preços que lhe ofereciam. Ou, então, empanturrar-se com o pão e embebedar-se com o vinho que produzia e não vendia. E por isso Marcial

14 Razões pessoais moviam também a rainha. Seu marido, o rei *Prasutagus*, havia designado Nero, o Imperador dos Romanos, co-herdeiro do seu reino, juntamente com suas duas filhas. Nero não entendeu tal atitude como uma homenagem: *Boudicca* foi chicoteada, as filhas violadas, o palácio saqueado, o reino invadido e massacrado pelos Romanos (cf. Tácito, *Annales* XIV 31).

15 Leiam-se os relatos de Tácito em *Agrícola* 16 e *Annales* XIV 31 ss.

diz: *Amphora uigesis, modius datur aere quaterno. / Ebrius et crudus nil habet agricola.* (XII 76).

Um último exemplo que deixo à vossa reflexão: no fim desse século I, era senhor de Roma um *princeps* que os historiadores se encarregaram depois de fazer um monstro execrando e que dava pelo nome de Domiciano. Esse monstro não era, porém, tão mau como o pintavam. Tinha era o defeito de querer governar sozinho e de dispensar o conselho ou o concurso do Senado. Vendo que a escassez de trigo, pelo Império fora, era muita e causadora de fome em certas zonas mais críticas¹⁶, vendo ainda que havia vinha a mais na *Italia* e por todas as províncias, determinou o arranque de metade das videiras existentes nessas províncias e proibiu que se plantassem mais, daí em diante, na *Italia*¹⁷. Saíram à praça os grandes latifundiários, alguns pequenos proprietários. Vieram delegações falar com Domiciano, que não se excusou a recebê-los e ouviu as suas razões¹⁸, embora não revogasse a lei. Em quase todo o Império, porém, a medida não foi cumprida. Venceram os interesses dos agrários viticultores. Domiciano, tirano, déspota, o que se quiser, não conseguiu impor o cumprimento da lei e ela acabou por cair no esquecimento.

Na *Africa*, todavia, tradicionalmente o celeiro do Império, a medida foi aplicada: três séculos depois era ainda o trigo que se plantava e não a vinha. Porque assim o quiseram os colonos que aí viviam. E talvez só por isso.

16 Observe-se um exemplo paradigmático do principado de Domiciano: em 92/93, na sequência de um Inverno rigoroso, grave escassez de alimentos atormentou a região de Antioquia. De imediato, a especulação começou: quem tinha cereal armazenava-o para o vender mais tarde a preços exorbitantes; a maioria passava fome. Tal situação levou o governador da província, *L. Antistius Rusticus*, a emitir rigorosas determinações: fixou o preço máximo a que o cereal devia ser vendido, obrigou todos os que o tinham guardado a declararem-no e a venderem-no, estabeleceu punições para os açambarcadores que pretendessem lucrar com a desgraça de seu semelhante...

17 Cf. Suetônio, *Domitianus* 7.2. No entanto, Estácio, que apoiava incondicionalmente Domiciano, apresenta uma outra razão para a medida: o bom *princeps* quis apenas "fazer baixar a alcoolémia" dos campos (*Silu.* IV 3, 11-2)...

18 Cf. Philostr., *VS* I 21,12; *VA* VI 42.